



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO LETRAS**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**WANDERSON SANTOS DA SILVA**

**UM CONVITE AOS X-MEN:  
UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA**

**GUARABIRA**

**2021**

WANDERSON SANTOS DA SILVA

**UM CONVITE AOS X-MEN:  
UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA**

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de Concentração:** Práticas Sociais da Linguagem.

**Orientador:** Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva

GUARABIRA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Wanderson Santos da.  
Um convite aos *X-Men* [manuscrito] : Uma proposta para a prática de leitura na escola / Wanderson Santos da Silva. - 2021.  
35 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação : Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. Leitura . 2. Proposta de ensino . 3. X-Men. 4. Histórias em Quadrinhos. I. Título  
  
21. ed. CDD 372.4

WANDERSON SANTOS DA SILVA

**UM CONVITE AOS X-MEN:  
UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA**

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Práticas Sociais da Linguagem.

Data de aprovação: **28 de maio de 2021**

**BANCA EXAMINADORA**

*André Luiz Souza da Silva*

Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva – UEPB/UFPB  
**Orientador**

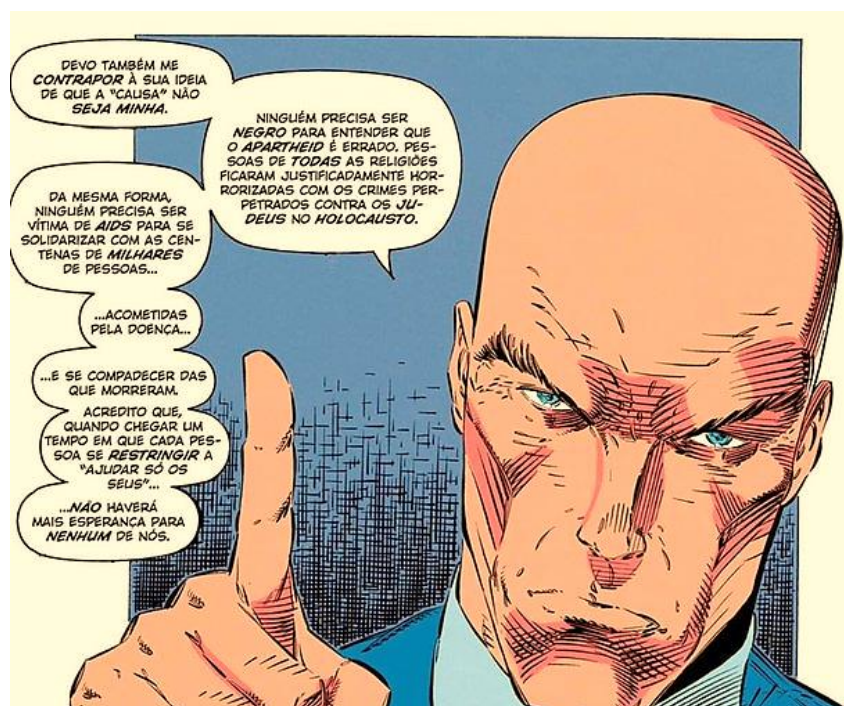
*Lara Ferreira de Melo Martins*

Profa. Dra. Lara Ferreira de Melo Martins – UEPB  
**Examinadora Interna**

*Danielle dos Santos Mendes Coppi*

Profa. Ma. Danielle dos S. Mendes Coppi – SEECT-PB  
**Examinadora Externa**

*Dedico este trabalho a todos aqueles  
que não acreditaram em mim,  
principalmente a quem menos acreditou,  
Eu mesmo, Wanderson Santos.*



- Charlie Xavier, líder dos X-Men

## RESUMO

Muito se discute sobre os conceitos e concepções de leitura, de que ler exige muito mais do que apenas ver palavras, de quais metodologias podem ser aplicadas em sala de aula, muito se discute também sobre quais gêneros textuais podem ser eficazes para o processo de ensino/aprendizagem. Dito isso, este artigo tem o objetivo de apresentar uma proposta pedagógica para o ensino fundamental a partir de uma HQ dos *X-Men*. Para tanto, trabalhamos com questões que envolvem concepções de leitura à luz de Martins (1989), Koch & Elias (2006) e Kleiman (2016) com foco na perspectiva interacionista da linguagem, também evidenciando algumas discussões sobre o gênero textual história em quadrinhos (doravante HQ) e sua relevância para a prática de leitura no contexto escolar, considerando as discussões de Marcuschi (2008), Ramos (2019) e Araújo (2019). Tais reflexões também destacam apontamentos de alguns documentos oficiais: BNCC (2018) e PCN transversal de Ética (1998). Nosso objetivo se faz possível a partir de uma natureza qualitativa de método bibliográfico que nos possibilita enxergar uma realidade social, oportunizando a apresentação de uma proposta pedagógica (interventiva) a partir da HQ *Deus ama, o homem mata*, com base em postulados teóricos, acreditando o quão vantajosas podem ser as aulas de língua portuguesa que dão espaço para as discussões de ordem social por meio da leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Proposta de Ensino. Histórias em Quadrinhos. *X-Men*.

## ABSTRACT

Much is discussed about the concepts and conceptions of reading, that reading requires much more than just seeing words, which methodologies can be applied in the classroom, and much is also discussed about which textual genres can be effective in the teaching/learning process. That said, this article aims to discuss how the *X-Men* comics can contribute to dealing with social issues in the classroom. To this end, we work with issues involving conceptions of reading in the light of Martins (1989), Koch & Elias (2006) and Kleiman (2016) with a focus on the interactionist perspective of language, also highlighting some discussions about the textual genre comic book (henceforth, comics) and its relevance to the practice of reading in the school context, considering the discussions of Marcuschi (2008), Ramos (2019) and Araújo (2019). Such reflections also highlight pointers from some official documents: BNCC (2018) and Ethics transversal PCN (1998). Our goal is a qualitative research of bibliographic method that allows us to see a social reality, providing the opportunity to present an intervention proposal based on the comic book *Deus ama, o homem mata*, based on theoretical postulates, believing how advantageous can be the Portuguese language classes that give space for discussions of social order through reading.

**Keywords:** Reading. Teaching Proposal. Story in Comic. *X-Men*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 REFLEXÕES SOBRE LEITURA: CONCEITOS E CONCEPÇÕES</b> .....	8
1.1 Os conhecimentos prévios na prática leitora .....	11
<b>2 O GÊNERO TEXTUAL HQ COMO OBJETO DE LEITURA</b> .....	13
2.1 A narrativa dos mutantes: um tema positivo para o contexto educacional.....	15
<b>3 DA CARACTERIZAÇÃO À PROPOSTA PEDAGÓGICA: UM FOCO NA HQ DEUS AMA, O HOMEM MATA</b> .....	19
3.1 Etapa da contextualização.....	21
3.2 Etapa da prática de leitura.....	23
3.3 Etapa da produção crítica.....	28
3.4 Etapa da divulgação .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33



## INTRODUÇÃO

É de fundamental importância se discutir sobre como trabalhar leitura em sala de aula, em como buscar meios que sejam mais eficazes para compreender que a leitura não consiste apenas em um amontoado de palavras e frases aleatórias e de que existe muito mais a se entender sobre essa ação, indo além da sua superficialidade. Portanto, podemos refletir sobre a forma como lemos, como decodificamos um texto escrito ou não, quais as concepções de leitura que se desdobraram no tempo a partir dos estudos da linguagem.

Neste trabalho, iremos propor uma prática de leitura a partir do gênero textual história em quadrinho (doravante HQ), focalizando temas que foram e são discutidos na sociedade, motivados pelo gosto particular da história dos *X-Men* e por identificar que também tem amplo aceite por parte de adolescentes e jovens. Nesse sentido, será possível trabalhar temas sociais no contexto das aulas de leitura na educação básica a partir de HQ dos *X-Men*? Para responder a essa pergunta determinamos objetivos.

Dito isso, nosso objetivo geral é o seguinte: apresentar uma proposta pedagógica para o ensino fundamental a partir de uma HQ dos *X-Men*. Para tanto, elencamos os seguintes objetivos específicos: i) compreender as diferentes concepções de leitura e suas contribuições para o processo de ensino/aprendizagem; ii) refletir sobre o gênero HQ e sua relevância metodológica; por fim, iii) discutir como as HQ dos *X-Men* podem contribuir para o trato de temas sociais em sala de aula. Nessa direção, classificamos a pesquisa como de natureza qualitativa de método bibliográfico, pois nos valemos de um contexto social específico para nossa proposta de ação, com base em estudos prévios.

Assim, exporemos aqui da importância de se discutir a relevância das HQ em sala de aula, mostrando que é um gênero textual propositivo para a metodologia de leitura, pois algumas das histórias discutem temas importantes que podem chegar ao leitor de forma dinâmica e lúdica. Nesse contexto, traremos para a proposta uma das HQ dos *X-men* – uma de suas histórias mais fortes e famosas – que traz à tona um pouco da realidade que muitos viveram no passado e que perpetua até hoje. Para tanto, evocamos as vozes de Koch & Elias (2006), Kleiman (2016), Marcuschi (2008), entre outros.

Este artigo organiza-se em seções: após esta introdução, temos a seção 1 sobre conceitos e concepções de leitura; adiante, a seção 2 a respeito do gênero textual HQ como objeto de leitura. Ademais, a nossa proposta pedagógica e suas etapas na seção 3, finalizamos com considerações finais e a listagem de referências que ancoram nossas reflexões e proposições.

## 1 REFLEXÕES SOBRE LEITURA: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

A relação entre decodificar e compreender, tecnicamente, pode-se entender como ambivalente. Ambas se tratam de uma forma de leitura. A diferença entre esses termos, no entanto, é que vai determinar o distanciamento entre si, por vezes, tratados como sinônimos. Decodificar é a leitura e compreensão visual de qualquer signo, símbolo e/ou sinal sem a necessidade do auxílio de um facilitador e compreender é um processo que depende do nosso psicológico e é a maneira como entendemos o que está acontecendo em nosso em torno, realizando ações de inferência.

Entendemos que o conceito de aprender está relacionado a decodificar, pois é necessário que se aprenda a ler, decodificando os vários signos em um texto, o que acaba tornando o aluno mais dependente do docente, uma vez que há essa necessidade do ser “mediado” ao entendimento de um conteúdo que é discutido, tendo como exemplo, a exposição em sala de aula. Claramente, é notada que essa metodologia seja uma forma mais tradicional de ensino ou algo que está atrelado a elementos estruturais de determinado sistema de ensino, no entanto, essa dependência é passível de discussão, conforme indica Martins (1989, p. 25, acréscimo nosso) “nesse caso predomina a visão de cultura do intelectual ou da cultura que lhe pareça conveniente transmitir ao iletrado [escolar], desrespeitando-o frontal ou sub-repticiamente”.

A leitura por si nos proporciona uma oportunidade maior do que apenas ler. Na escola, desde as séries iniciais, aprendemos a ler e escrever através das letras do alfabeto, a responsabilidade de educador é limitada a uma metodologia de ensino, muitas das vezes, ultrapassada. A leitura vai muito além do básico que nos é mostrado na área da educação. Podendo citar como exemplo, pessoas que concluíram ou não a educação básica, estas acreditam que o que lhes fora ensinado desde criança é válido para tudo o que vier após a escola. Sabemos que existem diferentes gêneros textuais, e por vezes, não somos alfabetizados o suficientemente para obtermos uma visão que nos permita ir além, enxergar fora daquela bolha em que fomos ensinados, desde o primeiro contato com atividades de letramento na alfabetização.

Quando exercemos o ato da leitura, efetuamos mais do que apenas ler, temos acesso a informações, as compreendendo e, conseqüentemente, partilhando-as, estamos tendo acesso a informações, as compreendendo e, conseqüentemente, partilhando-as. Como é colocado por Martins (1989), a leitura pode ser dividida em três níveis, são eles: **sensorial**, **emocional** e **racional**: i) a leitura sensorial está ligada aos nossos sentidos,

visão, tato, audição e paladar, tendo caráter superficial; ii) a leitura emocional está ligada as nossas emoções e tem caráter subjetivo e iii) a leitura racional é a que está ligada a nossa capacidade de fazer inferência a partir do que é lido, fazendo uma prática de intersecção com outros textos e discursos.

Vale ressaltar que cada nível tem suas particularidades, assim, não é possível fazer uma leitura isolada de cada um desses níveis, e diagnosticá-la de forma precisa, pois se é entendido que uma depende da outra. O que pode ocorrer é a prevalência de um ou outro nível em algum texto (MARTINS, 1989). Como é descrito pela autora, não é possível que as formas de leitura atuem em um único nível. Vejamos:

tenderíamos a radicalizar esse modo de ler, provocando a distorção do texto lido pela imobilização. Sendo a leitura um processo, portanto, dinâmica, isso não ocorre. Quer dizer que não é possível que os níveis trabalhem sozinhos, caso isso acontecesse a leitura não seria aproveitada e interpretada de forma coerente (MARTINS, 1989, p. 81).

Dito isso, não existe uma leitura superior a outra, isso porque “o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos” (MARTINS, 1989, p. 81). Logo, no processo de leitura, temos que analisar todo um contexto histórico, do tipo de leitor que foi e como está sendo formado, sua realidade e vivência na infância e na atualidade. Não que seja algo tão simples de se afirmar, assim como é dito por vários estudiosos, a língua é viva e está sempre em constante evolução, a leitura, por sua vez, não está distante dessa realidade, pois língua, leitura e escrita andam lado a lado e, no contexto escolar, têm o mesmo objetivo, que é o de ser objeto de ensino.

Além de níveis, também podemos abordar a leitura pelo foco. Para tanto, podemos pensar em três focos: a leitura com **foco no autor** é aquela que tem como objetivo compreender a linguagem descrita pelo autor em determinado texto, captando sua mensagem. Como explicam Koch & Elias (2006), nessa concepção de leitura tem-se a língua como representação do pensamento e o autor como soberano absoluto de seu dizer. Há também a leitura com **foco no texto** que, diferentemente, atua com foco na estrutura do texto e no sentido das palavras. Como dito por Koch & Elias (2006, p. 11), “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte [...]”, o que implica dizer que o texto é o produto essencial para que se tenha uma decodificação objetiva.

Por fim, temos a leitura com **foco no autor-texto-leitor**, a qual envolve a interação entre essas três concepções de leitura que nos permitem compreender amplamente o

sujeito como agente ativo, pois, como indicam Koch & Elias (2006, p. 10), “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores”. Para sintetizar tais ideias, acompanhemos o quadro a seguir:

**Quadro 01** – Termos-chave para cada foco

<b>Focos</b>	<b>Sujeito</b>	<b>Língua</b>	<b>Texto</b>	<b>Sentido</b>	<b>Leitura</b>
<b>Autor</b>	Sujeito Egocêntrico	Expressão do pensamento	Texto como produto	Centrado no autor	Captação de ideia do autor
<b>Texto</b>	Assujeitado pelo sistema	Instrumento comunicativo	Texto como código	Baseado no código e estrutura textual	Apenas foco no texto, na estrutura textual
<b>Autor-texto-leitor</b>	Atores sociais	Atividade interacionista	Texto como lugar de interação	Construído na interação entre o objeto e o interlocutor	Prática interativa de construção de sentidos

Fonte: elaborado pelo autor com base em Koch & Elias (2006)

A partir do quadro acima, vemos que a leitura não é algo tão simples quanto se pensa. Assim, faz-se importante conhecer e ter a noção da gama de significações e ações que envolvem tal ato. Em meio a esses conceitos, é possível selecionar uma prática que trabalhe com um texto de forma que o leitor se torne mais ativo e protagonista do ato de leitura. Compreender que um texto tem muito mais do que apenas um conjunto de palavras, frases, citações e afins, há também, contido ali, vivências de quem o escreveu, histórias sobre diversas personalidades que são retratadas, aguçando a ligação autor-texto-leitor.

Por isso, uma leitura que focaliza apenas o autor coloca o aluno em posição passiva, sendo apenas um captador das ideias de um sujeito egocêntrico (o autor); quando o professor focaliza o texto, o aluno permanece assujeitado, mas, agora, a macro e microestrutura linguístico-textual. Entretanto, o professor, interessado numa perspectiva interacionista, irá compreender seus alunos como atores sociais que agem com e pela linguagem, adotando o texto como um lugar de interação. Sobre o trabalho com o eixo da leitura, a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) aponta o seguinte:

[...] **compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos** escritos, orais e **multissemióticos e de sua interpretação**, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, **discussão e debate sobre temas sociais relevantes**; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2018, p. 71, grifos nossos).

Sabemos que existe e sempre existiu a necessidade de discutir temas importantes como racismo, *LGBTfobia*, machismo, entre outros, os quais não podem passar despercebidos no nosso cotidiano. O papel do educador é fundamental para que se crie uma discussão sobre esses temas tão pertinentes no âmbito escolar. Até porque se faz necessário, uma vez que o ambiente escolar também é espaço dessas vivências. Dito isso, é preciso se questionar como trabalhar essas temáticas de forma instrutiva e significativa para que os jovens compreendam e reflitam sobre práticas discriminatórias dentro e fora da escola.

Assim, acreditamos que uma das formas mais eficazes e lúdicas de se trabalhar temas tão relevantes para a sociedade, possa se fazer possível por meio do uso de HQ, que com sua linguagem híbrida e seu formato chamam atenção do leitor. Então, como exemplo prático e popular, temos os *X-Men*, que são uma fonte produtiva de histórias que podem adentrar às salas de aula. A diversidade de situações que os personagens vivenciam está dentro da nossa realidade de forma direta, por meio de analogias sociais.

Nessa direção, devemos compreender que a leitura nos dá um poder de emersão, como aponta Antunes (2009), indicando que a leitura nos confere o poder de percepção do mundo, para que possamos enxergar o que nos cerca, para que possamos assumir nossos papéis na sociedade como cidadãos, acreditando numa sociedade que “[...] respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos” (p. 193). O que se faz possível por meio do contato com textos, os quais oportunizam o acionamento de conhecimentos prévios de modo a favorecer um intercâmbio entre o textual e o extratextual.

### 1.1 Os conhecimentos prévios na prática leitora

A leitura nos permite viajar por diferentes áreas de interpretação pessoal, dependendo do que estejamos lendo e do que o autor quis passar em seu texto, o contexto vai variando de acordo com a forma com que recebemos as informações. A interpretação do que é lido vai variar de acordo com o que o leitor sinta ao ter acesso

a uma determinada produção textual escolhida por ele. A leitura permite essa viagem interpessoal, pois cada leitor tem sua visão independente de uma história que é contada.

Podemos levar em consideração a escrita do autor, pois existe uma história ou fato a ser contado e o autor, também como interlocutor, tem o interesse em fazer com que seu leitor sinta e interprete sua escrita de forma singular. É importante frisar que existe uma harmonia entre texto-autor-leitor (KOCH; ELIAS, 2006), para que se tenha um conhecimento coerente e interativo. Com isso, podemos afirmar que a leitura possibilita uma pluralidade de sentidos.

Afinal, quando se trata de leitores, tratamos de um plural de pessoas, de ideias, de interpretações e suposições, pois apesar de sermos indivíduos únicos, somos um plural de mentes que pensam e interagem de forma diferente. Como é dito por Koch & Elias (2006, p. 21), é preciso “considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor implica aceitar uma pluralidade de leituras, de sentidos em relação ao mesmo texto”.

Tal pluralidade se faz possível pelo acionamento dos chamados conhecimentos prévios, os quais se fazem por ideias já formadas que o leitor tem sobre um texto, sua forma de ler e compreender. Ou seja, são os conhecimentos adquiridos ao longo de sua caminhada como leitor e sujeito social. Assim, tais conhecimentos nos permitem determinar que não existe o sentido do texto, mas **um** sentido para o texto, como indicam Koch & Elias (2006).

Estes conhecimento podem ser elencados a partir de Kleiman (2016), são eles: a) *conhecimento linguístico*, que é essencial para o leitor, pois consiste na compreensão da estrutura textual, seja na forma de sua escrita, agrupamento de frases ou no processamento das palavras utilizadas, bem como na compreensão de recursos linguísticos específicos, sejam técnico-científicos, variantes regionais ou estilísticas; b) *conhecimento textual*, que busca compreender o texto por completo, o tipo, a estrutura, a linguagem transmitida através dele, considerando a variedade de tipos e gêneros textuais. Portanto, consideramos que “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão” (KLEIMAN, 2016, p. 23).

Por fim, temos o c) *conhecimento de mundo*, que diz respeito a tudo que podemos conhecer rotineiramente, seja formal ou informalmente. Estão relacionados aos diferentes tipos de saber, baseados nas vivências de cada pessoa, pois nela não é necessário ter um grau instrutivo de conhecimento. Podemos mencionar como exemplo, pessoas que nasceram e foram criadas em zona rural, em sua grande maioria sem contato com escolas,

seja pela dificuldade de encontrar uma escola por perto; seja por decisão da própria família, pois para muitas dessas pessoas, estudar nem sempre é mais importante do que trabalhar. Assim, o linguístico, o não-linguístico e tudo mais é aprendido através da convivência com seus pais, avós e comunidade local, seu conhecimento se dá por meio das situações que a vida lhes apresenta.

De um lado oposto, podemos citar também estudiosos e acadêmicos que por morarem em cidades, frequentarem instituições educacionais, terem contato com pessoas letradas e etc., acabam desenvolvendo outros conhecimentos de mundo. Nesses dois exemplos, podemos observar como o conhecimento é para plural, e o ser humano é capaz de adquirir conhecimento de várias formas e fontes, sejam elas de prestígio ou estigmatizadas.

A importância em compreender como é e como se divide o conhecimento prévio é essencial para chegarmos a um discernimento melhor sobre o tema discutido e poder fazer de fragmentos de um texto, algo relevante e com um sentido, pois, como indica Kleiman (2016, p. 29), “a ativação do conhecimento prévio é, então, essencial a compreensão, pois o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto [...]”.

Exposto isso, o conhecimento prévio é o que nos permite deduzir e concluir o que lemos, é essencial termos essa noção para que se faça uma leitura produtiva e para que tenhamos uma percepção mais aguçada sobre o texto que venha a ser lido.

## **2 O GÊNERO TEXTUAL<sup>1</sup> HQ COMO OBJETO DE LEITURA**

É por meio do gênero textual que a língua se manifesta, fazendo-se em nosso cotidiano, estabelecendo uma comunicação, escrita ou oral, trabalhando a comunicação seja através de cartas, receitas, bulas, músicas, entre tantas outras possibilidades infinitas existentes no dia a dia do interlocutor que tem a intenção de transmitir informação ao ouvinte/falante de forma eficaz e objetiva, como aponta Marcuschi (2008). Esse autor também destaca que “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou com Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema” (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

---

<sup>1</sup> O termo “gênero textual” é amplamente difundido pelos estudos de Luiz A. Marcuschi, no Brasil. Entretanto, é válido ressaltar que as ideias sobre instrumentos comunicativos relativamente estáveis foram introduzidas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, sob a terminologia “gêneros discursivos”.

Os estudos acerca dos gêneros textuais, desde que foram iniciados por Aristóteles e Platão, foram fundamentais, para que, no decorrer dos séculos, grupos de pesquisadores procurassem se aprofundar nessa área de modo a contribuir para o ensino de língua. Nessa direção, à medida que essas pesquisas foram atestando o real objetivo dos gêneros textuais, que tem sua função social, foram, também, se alinhando ao contexto do ensino de línguas, possibilitando que esses objetos da comunicação fossem melhor compreendidos por todos aqueles que têm interesse pelo ensino, especialmente, quando este é ligado ao desenvolvimento da competência comunicativa (ANTUNES, 2009).

A BNCC sugere que o educador possa trabalhar de forma mais lúdica, utilizando diferentes gêneros textuais, pois, dessa forma, o aprendizado se torna mais eficaz. No entanto, é importante que haja coerência no que for trabalhado em sala de aula, sendo algo voltado para a realidade do alunado e suas vivências cotidianas. Sobre a prática leitora durante o ensino fundamental, o documento aponta o seguinte:

Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, **histórias em quadrinhos**, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 169, grifos nossos).

Pensando na funcionalidade da HQ, como recurso metodológico e objeto de leitura, podemos mencionar a pesquisa feita por Araújo (2019) – *A contribuição metodológica das HQs no processo de ensino-aprendizagem* – que traz uma discussão desde seu contexto histórico até os dias atuais, apontando a importância de se ter um olhar diferenciado para este gênero textual, fazendo com que reflitamos de forma consciente sobre as HQ e como elas provocam no leitor pensamentos ativos e reflexivos sobre qualquer tema que esteja sendo proposto. Nessa perspectiva, as aulas tornam-se mais dinâmicas e os alunos são alcançados de uma maneira mais eficaz ao passo que são estimulados a lerem mais, dentro e fora da sala de aula. Podemos observar, portanto, que o contato com esse gênero pode tornar a prática leitora ainda mais prazerosa e estimulante para o leitor, sendo altamente eficaz. Dito isso, concordamos com Araújo (2019):

As histórias em quadrinhos enchem os olhos daqueles que entram em contato com o seu mundo. Ler HQs é, além de tudo, uma prática prazerosa, a qual permite ao leitor mergulhar nas narrativas dos personagens que têm suas aventuras contadas dentro dos quadrinhos. Sua leitura permite ao leitor um estímulo à imaginação, fazendo-o absorver as informações contidas no texto



verbal e no texto não verbal, o que acarreta em uma produção de sentidos inédita gerada na cabeça de cada leitor (ARAÚJO, 2019, p. 25).

A partir disso observamos com mais clareza que poder trabalhar as HQ em sala de aula é uma forma de fazer com que o leitor sinta e absorva com maior estímulo aquilo sobre o que se busca refletir, diante do que está sendo lido, fazendo o aluno pensar e questionar suas ações e omissões, lançando significados sob a linguagem verbal e não verbal.

As HQ são acontecimentos contados através de textos e imagens que podem ser fictícios ou não. Podemos encontrar HQ em diferentes formatos, tanto pela linguagem verbal, quanto pela não verbal, podem ser utilizadas em vários contextos, inclusive literários, pois também expressam críticas sociais e frequentemente são utilizadas em livros didáticos, além de diversas outras utilidades, por isso compreendemos ser um gênero de características interessantes para a prática de leitura. De acordo com Ramos (2017, p. 07), não é um equívoco apontar que os gêneros em quadros constituem um mundo próprio e “essa singularidade toda ajuda a justificar a necessidade de um olhar particularizado sobre [...]”.

Para introduzir as HQ no ensino, é preciso que os educadores tenham um olhar atento em relação aos seus alunos, para que percebam que esse gênero torna a leitura mais lúdica, fazendo uso do visual o resultado se torna mais atrativo. Como aponta Ramos (2017, p. 179):

Trata-se de uma atividade de interação porque é o texto que faz a mediação entre autor e leitor(es). O primeiro procura construir uma narrativa que trabalha com expectativa de ser compreendida. Aos interlocutores cabe a tarefa de reconstruir as informações para entender a história. Eles devem acionar conhecimentos prévios para saber o que é Bíblia, como ela é vista historicamente em nosso país, como o discurso religioso costuma ser formal, quais são as marcas verbais disso.

Podemos dizer então que o uso de quadrinhos torna a leitura mais instigante e temos um melhor aproveitamento justamente por sua linguagem acessível, na maioria das vezes informal, e seus elementos visuais. Pensando na delimitação de nossas discussões, a seção a seguir irá introduzir a discussão sobre a história dos mutantes *X-Men*.

## 2.1 A narrativa dos mutantes: um tema positivo para o contexto educacional

Os *X-Men* são uma equipe de super-heróis com poderes, criada por Jack Kirby e Stan Lee para representar minorias que viviam a margem da sociedade. Na época, Stan Lee era intrigado com a palavra mutante, pois não era comum, então, decidiu criar seres

humanos aprimorados e com superpoderes e que, ao invés de serem heróis que ganharam poderes através de acidentes científicos, como foi o caso do Hulk, Homem-Aranha e Quarteto Fantástico, ganharam seus poderes por fator de alteração genética.

Ao pensar sobre a formação da equipe mutante, surgiu o Professor Charles Xavier, sendo mentor dos jovens mutantes e ensinar a usar seus dons para o bem, também mostrando que seria possível viver pacificamente com os humanos. As primeiras edições traziam o embate com a equipe de mutantes liderada por Magneto, equipe esta que tinha ideias opostas a dos *X-Men*. Como é comentado por Manguiera (2016, p. 123), sobre o mutante Magneto:

[...] o narrador chamara atenção para o modo como são tratados os que são diferentes da normalidade: presos e mortos, como judeus; perseguidos e levados a um tratamento de cura, como os *X-men*; ou sempre vítimas de bullying [...] Ainda, este personagem dos quadrinhos/series/filmes é a representação máxima dos que estão cansados de serem perseguidos socialmente e resolvem revidar da forma mais agressiva possível, tratando os agressores da mesma maneira que eles o tratam [...]

Assim, podemos compreender os motivos que levaram Magneto a ser o vilão e antagonista dessa trama e se contrapor às ideias do Professor Xavier, o fato de ter cansado de ser atacado por uma sociedade que não os aceita e os destrata de forma cruel. Do outro lado, temos um pacificador que acredita na coexistência entre humanos e mutantes e contrapartida temos o lado oposto que quer torna-se a espécie dominadora, pois cansaram de sofrer em silêncio.

Em 1972, o escritor Stan Lee foi promovido a roteirista, levando a equipe de mutantes a se tornar mais popular e relevante, ganhando assim muitos fãs, mas só em 1974 atingiu grande sucesso quando o também escritor Chris Claremont assumiu o cargo, dando uma nova roupagem aos mutantes mudando suas características e personalidades, assim como todo o roteiro foi também alterado, substituindo alguns mutantes da primeira formação da equipe por uma equipe repaginada.

As histórias contadas através dos quadrinhos dos *X-Men* são muito mais importantes do que se imagina, os temas discutidos através desta equipe tão famosa, veio ganhando seu espaço, falando sobre problemas sociais muito pertinentes até os dias de hoje. Uma equipe que nasceu com sua jornada marcada numa luta para combater o preconceito e a intolerância pelos simples fato de existirem em meio a uma sociedade completamente preconceituosa. Sobre isso, vejamos o seguinte:

As minorias que buscavam por condições igualitárias como cidadãos, faziam movimentos com engajamento de cunho social, onde lutavam por seus direitos.

O movimento negro se destacou bastante nessa época, no qual eles buscavam inclusão social e não uma segregação de raças. Apesar de o movimento ter conquistado uma vitória, o preconceito ainda era bastante presente [...] (SOUZA SILVA; ARAÚJO, 2020, p. 172).

As discussões trazidas pela narrativa dos mutantes vêm de encontro a realidade dura que muitos cidadãos encontram em sua jornada, podendo relacionar o sofrimento que os mutantes enfrentam na pele com os ataques racistas sofridos pelos negros, os de discriminação para com LGBT+<sup>2</sup>, dentre outras realidades que vemos todos os dias nos noticiários. Como podemos perceber, os *X-Men* representam não só historinhas para crianças, mas sim da voz em forma de metáforas bem desenvolvidas a todos aqueles que buscam falar e serem ouvidos.

Podemos mencionar, também, a produção de HQ, desenhos e filmes indicando a descoberta dos poderes mutantes indo ao encontro da descoberta da sexualidade, por exemplo, como é o caso do jovem gay se descobrindo, o medo da aceitação dos outros e de si mesmo recai como um fardo na luta contra o preconceito, como o que acontece com o personagem André em *No presente*, romance de Márcio El-Jaick, de 2008. Sobre essa analogia, Manguiera (2016) diz o seguinte:

Em decorrência dessa aceitação surge a necessidade de se revelar como um mutante. Essa experiência de se revelar como portador do gene da mutação fica evidente em uma cena do filme *X-men II*, quando o personagem Bobby Drake revela para seus pais e seu irmão que é diferente do restante da família. A cena lembra o que seria o clássico ritual de “sair do armário” para os parentes e amigos. A mesma ideia de revelar-se gay é abordada no filme de 2011. *X-men: primeira classe*, quando o Professor Charles Xavier acaba dizendo, ingenuamente, para um grupo de Hank McCoy (Fera) é, assim como ele, um mutante (MANGUEIRA, 2016, p. 111).

Podemos compreender, a partir do exposto, a importância da representatividade desses personagens para aceitação das diferenças de si e dos outros. A importância de se discutir essas temáticas e quebrar esses muros no âmbito escolar para que se possa discutir a importância da descoberta da sexualidade para jovens estudantes, por exemplo. Se faz necessário, mesmo para aqueles que têm a convicção de que são heterossexuais desde sempre, para que se respeite as diferenças de identidade de gênero e orientação sexual não dominantes, haja vista ser uma questão ética e educativa.

Temas como esses geram reflexão e entendimento para que exista respeito às diferenças, entender que vivemos em um mundo de diversidades e que o mínimo que se deve ter pelo próximo é respeito, para que se seja tolerante. Nesse sentido, um tema

---

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e mais. Acreditamos que o sinal “+” seja representativo das demais formas de viver as identidades sexuais e de gênero.

transversal latente e que se consagra nessa proposta é o tema *Ética*. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ética* (PCN) apontam o seguinte:

Essa diversidade frequentemente é alvo de preconceitos e discriminações, o que resulta em conflitos e violência. Assim, alguns acham que determinadas pessoas não merecem consideração, seja porque são mulheres, porque são negras, porque são nordestinas, cariocas, gaúchas, pobres, doentes, etc. Do ponto de vista da *Ética*, o preconceito pode traduzir-se de várias formas. A mais frequente é a não-universalização dos valores morais. Por exemplo, alguém pode considerar que deve respeitar as pessoas que pertencem a seu grupo, ser honesto com elas, não engana-las, não violenta-las, etc., mas o mesmo respeito não é visto como necessário para com as pessoas de outros grupos (BRASIL, 1998, p. 69).

Tendo conhecimento de que a escola é um ambiente de grande diversidade, onde nos deparamos com um grande número de pessoas, sejam alunos, professores, equipe de limpeza e cozinha, porteiro e afins, ainda que assim, por vezes, não temos a noção do que se trata o respeito numa visão verticalizada, somos ensinados por nossos pais a respeitar aos mais velhos, por exemplo, e isso já se torna uma obrigação, mas não nos é explicado o que entra em questão.

Com a chegada da adolescência começando uma fase de descobertas da nossa sexualidade, e também a do outro, começamos a nos moldar, analisar comportamentos alheios, a partir daí observamos piadas, brincadeiras que são feitas aos colegas que não são do padrão “respeitável” pela sociedade, ou seja, o *bullying*<sup>3</sup> já se torna uma cultura sem ao menos percebermos, sendo, por vezes, silencioso, muitas vezes feito até por quem deveria nos ensinar os valores, como nos comportarmos com o outro.

A escola, pode ser um dos ambientes mais cruéis para crianças e adolescentes, mas também poder ser nossa base, ensinando o ideal de respeito mútuo, compartilhando que as diferenças devem ser respeitadas. Assim, se a escola é como ouvimos desde criança: nossa “segunda casa”, então que façamos desse espaço algo acolhedor.

A partir dessas observações, entendemos a importância de se ensinar a prática do respeito ao próximo, a quem é diferente de nós. Ainda que seja um trabalho árduo, faz-se necessário. Para tanto, podemos partir da prática de leitura e de gêneros textuais para compartilhar essa proposta temática no contexto escolar juntos aos alunos, também proporcionando prazer pela leitura, sendo um estímulo a mais para que se torne um leitor

---

<sup>3</sup> “Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões” (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>).

consciente, podendo acionar interesse por outros gêneros textuais, inclusive os literários. A seguir, apresentamos a contextualização metodológica e a proposta de intervenção.

### **3 DA CARACTERIZAÇÃO À PROPOSTA PEDAGÓGICA: UM FOCO NA HQ *DEUS AMA, O HOMEM MATA***

Muito do que tem sido discutido neste artigo é sobre questões de leitura e de como o gênero textual pode ser incrementado de forma que gere interesse do aluno pela leitura do gênero HQ. Além disso, interessamo-nos por pesquisar e trazer visões de como se pode fazer da leitura da HQ uma ferramenta eficaz em sala aula, como fazer de um aluno que não tem familiaridade com textos, tornar-se, aos poucos, um leitor assíduo, e as HQ podem fazer essa ponte de forma significativa. Para tanto, é ideal acionar a visão de um professor-pesquisador. Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) define o professor-pesquisador da seguinte forma:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias.

Ser professor já uma tarefa árdua, ser um professor-pesquisador aumenta ainda mais, pois o docente tem o compromisso de criar e recriar metodologias para sala de aula, buscando rever e desenvolver novas estratégias para contribuir com a efetivação do ensino, neste caso, da leitura. Para tanto, nossa investigação é de natureza qualitativa, junto a Bortoni-Ricardo (2008, p. 49) entendemos como “o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam”, fazendo-se pelo método bibliográfico. Esse método, conforme Gil (2002), é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos.

Exposto isso, lançamos esta proposta focalizando o 9º ano do ensino fundamental<sup>4</sup>, pois é pressupõe-se que sejam alunos de uma faixa etária viável, oportunizando diálogo mais consciente, tendo certa compreensão da relevância da discussão sobre temas sociais conflituosos. Já como objeto de estudo da proposta, selecionamos uma das HQ mais emblemáticas das histórias dos *X-Men: Deus ama, o*

---

<sup>4</sup> É possível que o professor, mediante ajustes, cuidados metodológicos e estratégias de discussão também possa levar esta proposta para outros anos/séries da educação básica.

*homem mata*, de Christopher Claremont e roteiro de Brent Eric Anderson, publicada pela primeira vez em 1982 (utilizamos uma versão traduzida de 2014), que traz um enredo surpreendente aos olhos dos leitores e fãs de HQ.

No enredo, temos um jogo político, junto à intolerância religiosa, numa aventura forte que traz à discussão o que seria a real criação de Deus e aqueles que não o representam por serem diferentes e indignos de serem seus irmãos e filhos. Uma história irônica que nos possibilita refletir como nosso caráter é mais importante do que a nossa etnia, orientação sexual e etc. Assim, Chris Claremont deixa clara sua inspiração criada a partir de atos de resistência de uma época ainda muito difícil. Em uma das citações que inspiraram a HQ selecionada, temos a do grande ativista político Martin Luther King, que diz o seguinte: “*Sonhei com um mundo onde meus filhos e os netos deles fossem julgados não pela cor de sua pele, mas pela natureza de seu caráter*”.

Feitas essas considerações, apresentamos um quadro que expõe de forma generalizada os objetivos das **etapas** e **momentos** que propomos:

**Quadro 02** – Apresentação das etapas e objetivos

<b>Primeira Etapa:</b> contextualizar o tema social a partir de dinâmica e diálogo interativo.	<i>1º momento:</i> realizar uma dinâmica para que os alunos indiquem o superpoder que gostaria de ter.
	<i>2º momento:</i> incentivar uma reflexão sobre aceitação das diferenças a partir de imagens de personagens da franquia dos <i>X-Men</i> .
<b>Segunda Etapa:</b> praticar a leitura na sala de aula, indo da leitura interativa até a análise da linguagem híbrida.	<i>3º momento:</i> promover a prática leitora em sala de aula, incentivando a reflexão sobre os conflitos sociais no enredo.
	<i>4º momento:</i> analisar o uso de recursos linguísticos e não-linguísticos, a partir da HQ selecionada.
<b>Terceira Etapa:</b> incentivar a produção de uma ação de linguagem que foque na crítica social.	<i>5º momento:</i> analisar as características do gênero cartaz de campanha, com foco nos temas sociais propostos.
	<i>6º momento:</i> orientar a produção de um cartaz que promova a reflexão sobre discriminação social.
<b>Quarta Etapa:</b> promover a divulgação das produções, colocando em destaque a finalidade social do gênero proposto.	<i>7º momento:</i> Expor os cartazes em uma área comum da escola, também propondo que outros professores levem os alunos para apreciação.
	<i>8º momento:</i> divulgar em redes sociais da escola ou em alguma rede criada pelo professor, fotos dos cartazes dos alunos.

Fonte: O autor

A seguir, iremos apresentar o conteúdo que propomos para cada uma das etapas, buscando alcançar os objetivos propostos no quadro acima. Salientamos que as etapas e momentos não irão indicar quantidade de aulas ou tempo para seu desenvolvimento, pois o professor que vier a aplicar tal proposta terá liberdade para ajustar e reajustar cada etapa e momento a depender da realidade de suas turmas e comunidade escolar:

### 3.1 Etapa da contextualização

De início, o professor começará escrevendo “Deus ama, o homem mata” no quadro/lousa, em seguida pedirá para que a turma leia o tema e reflita sobre o que esse enunciado tem a dizer. A partir das respostas, o professor explicará que o tema gira em torno da intolerância para com sujeitos marginalizados, a exemplo dos mutantes de forma geral, que são excluídos da sociedade por serem diferentes, pelos seus dons, bem como por sua aparência física. Fazendo isso, o professor traz para a sala de aula um tema relevante, uma vez que concordamos com o seguinte:

[...] a escola não pode nem deve se abster de evocar em suas salas de aula uma perspectiva social que vise a cidadania, a autonomia e o respeito. Assim, faz-se necessário combater as falácias da mídia tendenciosa e dos governos autoritários, junto dos dizeres de indivíduos de má-fé [...] e quaisquer outras sandices que desvalorizem o fazer docente, bem como marginalizem a escola e silenciem os alunos (SOUZA SILVA; COPPI, 2020, p. 199).

Nessa conjuntura, discutir temas sociais em sala de aula é algo fundamental para que haja entendimento da importância do respeito às diferenças, sejam elas quais forem. Trazer esse tema como discussão para adolescentes, iniciando uma fase de descobertas em suas vidas, é essencial, a partir desse debate, muitos podem se identificar com alguns dos personagens, vítimas da intolerância humana, e outros como os próprios acusadores, pois sabemos como o bullying existe nas escolas e ainda afeta muitos jovens.

Esta proposta traz, justamente, uma discussão sobre inclusão e respeito às diferenças, levando os alunos a refletirem sobre o que realmente é necessário para tratar o outro como igual, principalmente, ao tratarmos de adolescentes, esta discussão se torna mais que necessária, uma vez que estaremos formando cidadãos reflexivos e tolerantes. Vejamos, a seguir, os primeiros passos:

#### *1º momento – Dinâmica dos superpoderes*

Neste momento, o professor poderá pedir para que a turma faça um círculo, facilitando, assim, o contato visual entre os colegas. O docente deve estar com uma caixa de papelão pequena e recortes de papel ofício (folha A4), para dar início à dinâmica que

intitulamos de “Dinâmica dos superpoderes”. Feito isso, o professor pedirá aos alunos para que escrevam no pedaço de papel qual superpoder cada um deles gostaria de ter, caso pudessem escolher, o que também aciona conhecimentos prévios (Kleiman, 2016). Em seguida, eles irão colocar suas repostas dentro da caixa que será lida em voz alta pelo professor.

Depois, o educador questionará o porquê das escolhas destes poderes, fazendo-os refletir sobre suas escolhas, tendo em mente que a maioria opte por poderes que não afetem sua aparência física, a exemplo da telecinese, telepatia, voo, invisibilidade, etc., estando mais convicto de serem personagens como Jean Grey, Tempestade, Gambit, Wolverine, entre outros. Depois dessa reflexão, poderá ir para o segundo momento.

### 2º momento – Diálogo orientado

Para essa proposta de diálogo orientado, o professor poderá fazer uso do recurso Datashow, mas também pode trabalhar com a impressão das imagens. Para tanto, sugerimos as imagens a seguir:

**Figura 1** – Mutante Noturno

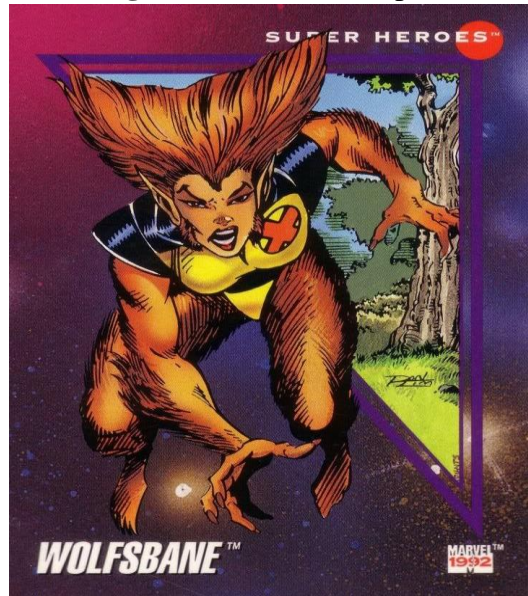


Fonte: <<http://noticias.terceiraterre.com/>>. Acesso em: 20/05/2021

Kurt Wagner, mais conhecido como Noturno, é um dos mutantes mais emblemáticos da equipe, sua aparência é sempre tratada como forma de surpreender os leitores, um mutante religioso cristão, mas com aparência de demônio. Sua religião é retratada no filme *X-men 2* de forma fiel a HQ. Entretanto, em um dos episódios da animação *X-men: Evolution*, Kurt é apenas um adolescente em crise com sua aparência e ganha um relógio holográfico que muda sua forma para um rapaz comum, para ser aceito e poder estudar em um escola comum com os demais mutantes.



**Figura 2 – Mutante Lupina**



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/108860515973>>. Acesso em: 20/05/2021

Lupina, também conhecida como Rhayne, é mais um dos mutantes que são ligados à religião cristã, nos quadrinhos ela foi adotada por um reverendo que a criou com o intuito de ser uma adoradora do Senhor. Nas animações, sua personalidade muda para se adequar melhor a cada situação. Assim, a semiose desses mutantes pode ser analisada em aula, questionando aos alunos se um mutante como esses eles gostariam de ser, sempre os alvejando de questionamentos, pois podem dizer que não veriam problemas, mas seria preciso estar no lugar desses personagens para realmente saber as vantagens, e se elas existem. Abaixo, o quadro apresenta alguns direcionamentos:

**Quadro 02 – Questões que podem orientar o professor**

1. Como vocês relacionam os problemas enfrentados pelos *X-Men* aos problemas reais enfrentados pela nossa sociedade?
2. A quem vocês relacionam o fato dos mutantes que tiveram sua aparência modificada pela mutação?
3. Que mensagem positivas podemos tirar de histórias como essa?
4. Podem comentar alguma situação que vocês vivenciaram ou que sabem sobre atitude de discriminação ou preconceito, seja na escola, em casa e/ou na rua?

Fonte: O autor

### 3.2 Etapa da prática de leitura

Mais do que apenas histórias para crianças e adolescentes, muitas das narrativas de super-heróis apresentam enredos fortes, com o uso de metáforas por meio de personagens e de situações rotineiras, especialmente, neste caso, os *X-men*. Propondo que

os alunos os enxerguem não só como personagens fictícios de HQ, mas como analogia a pessoas reais, que todos os dias lidam com situações de preconceito, por serem diferentes do que muitos consideram normal ou comum. O diálogo sobre essas pautas sociais é visto no enredo de os *X-Men*, seja em filmes, desenhos ou em suas HQ, o que os torna pertinentes para serem tomados como referência para estudo e reflexão na sala de aula. Dito isso, acreditamos que a leitura oportunizará espaço para essa reflexão, uma vez que:

O ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas, incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica [...] (MARTINS, 1989, p. 29).

Ler nos permite ir a lugares inimagináveis, seus ensinamentos, visões esclarecedora forma e compreender infinitas possibilidades existentes seja na ficção ou na realidade. O ato da leitura é um ato de resistência, pois nos tornamos sábios, não nos contentamos ou satisfazemos com a ignorância.

### *3º momento – Leitura da HQ em sala*

É importante que a prática de leitura seja compartilhada em sala de aula, pois, por vezes, as práticas são pedidas para que ocorram em casa, tornando, assim, inviável a adoção da leitura como objeto de ensino, pois é preciso observar e perceber se o aluno leu e compreendeu com coerência o que se propôs. Neste momento, o professor pode organizar ações de leitura: 1) preparar imagens da HQ sugerida e expor por meio de datashow, incentivando a leitura compartilhada e reflexiva; 2) imprimir algumas páginas para trabalhar com a leitura silenciosa e, posteriormente, dialogada e 3) produzir um arquivo PDF que possa ser distribuído para os alunos.

Mediante essas práticas, o professor poderá enfatizar o tema a partir dos personagens que forem aparecendo no transcorrer da história, especialmente, quando os discursos apresentarem um teor importante para a discussão que se propõe. Além disso, o professor pode sugerir que os alunos busquem ter acesso a algum outro volume da HQ dos X-Men, no sentido que outros enredos entrem para a discussão em sala de aula, incentivando uma leitura mais autônoma, que também poderá levar a leitura de outros temas e enredos de outras franquias. Dito isso, observemos algumas imagens extraídas diretamente da HQ sugerida, para que sejam feitas discussões sobre os discursos presentes:

**Figura 03** – Trecho I: Magneto fala de genocídio



Fonte: CLAREMONT, 2014, p. 34

Ao ler o quadrinho, em que Magneto fala sobre genocídio, podemos perceber que o personagem se refere a situações de violência que existem muito antes de acontecerem com eles, remetendo ao passado em diferentes tempos. Dito isso, podemos, por exemplo, fazer alusão à idade média, contexto em que se sacrificavam mulheres que tinham crenças não-cristãs, bem como as que tentavam fazer suas vozes serem ouvidas e acabavam sendo chamadas de bruxas e, posteriormente, queimadas em fogueiras. Ou seja, a humanidade sempre temeu aqueles que agiam e existiam no mundo de forma diferente do que comumente se via e estabelecia como padrão. Adiante, mais um trecho interessante:

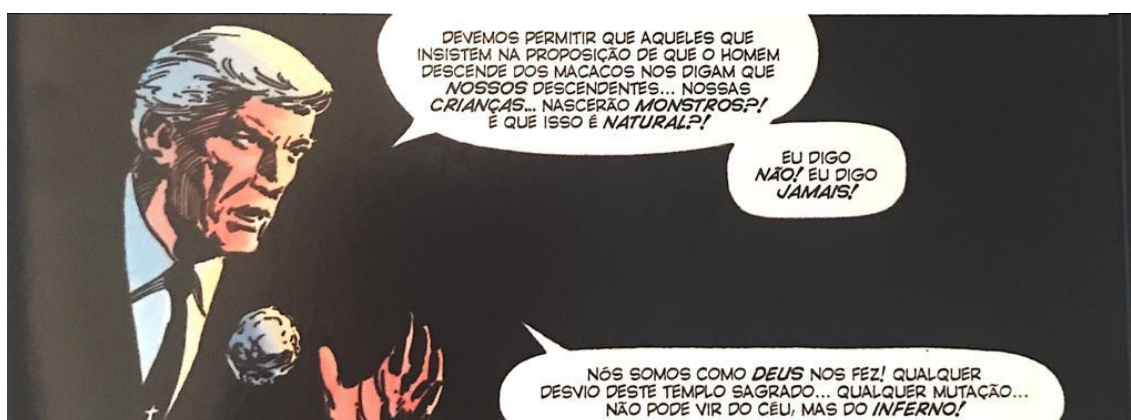
**Figura 04** – Trecho II: diálogo sobre a morte de um fanático religioso



Fonte: CLAREMONT, 2014, p.34

No diálogo do quadrinho, entre os *X-men*, podemos ver Colossos perguntar a Wolverine se era necessária a morte de um fanático religioso, e ele responde que sim. Logo em seguida, Noturno, um dos mutantes mais hostilizados por sua aparência demoníaca e também um dos mais religiosos que temos conhecimento, ele tem um discurso de paz e respeito, que no final é o que todos pedem e pregam. Então, lança o questionamento: “como vamos ser melhores do que eles?”. Outro trecho interessante é o seguinte:

**Figura 05** – Trecho III: Reverendo Striker em discurso de intolerância



Fonte: CLAREMONT, 2014, p. 57

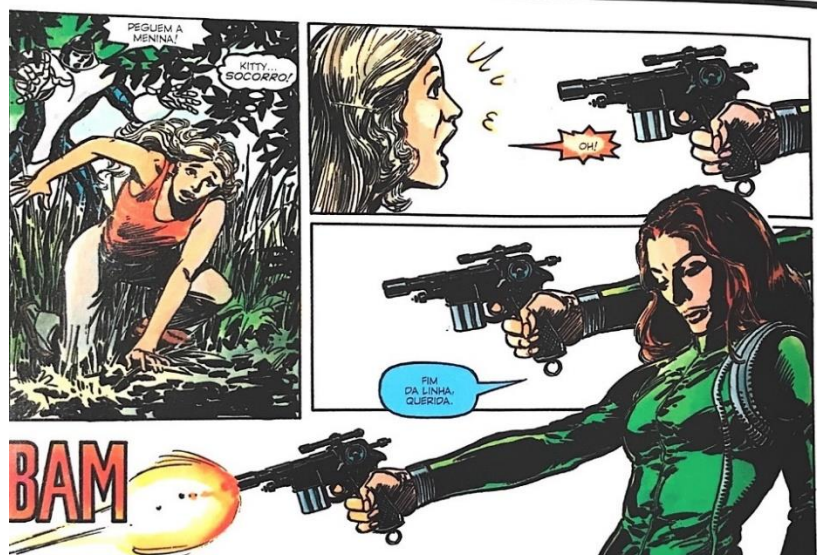
No trecho do quadrinho, podemos perceber, através do discurso intolerante do Reverendo William Striker – fanático religioso e porta voz de todos aqueles que usam a religião e a bíblia contra os excluídos – o quanto a religião pode ser instrumento de intolerância para atacar os mutantes, fazendo com que a população os odeie ainda mais, alguém que usa da fé dos cidadãos para incitar o ódio contra uma minoria, reforçando estigmas e atitudes discriminatórias. Também, em um outro momento, o reverendo diz: “porque vocês existem. E essa existência é uma afronta ao Senhor” (CLAREMONT, 1982, p. 39).

Inclusive, é um discurso que se assemelha ao que o atual presidente do Brasil usou em sua campanha, colaborando com uma visão de que Deus não aceita aqueles que são diferentes, e que por isso não merecem ser dignos de ter uma vida em sociedade, uma vez que não concordam com a forma que vivem, agem e existem. Esses discursos e discursividades<sup>5</sup> devem ser objeto de reflexão na escola para que os alunos sejam agentes sociais colaborativos no enfrentamento de práticas de exclusão social.

<sup>5</sup> Sugestão de leitura: NASCIMENTO, Lucas. Discursos preconceituosos, corpos discriminados: o estranho espelho de “quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher fique à vontade” – diz Bolsonaro. **Revista da**

Neste momento, é possível lançar um olhar interpretativo para a linguagem híbrida das HQ (também pode ser pensada sob o termo multimodal). Para tal, selecionamos os seguintes recortes:

**Figura 06** – Trecho IV: Análise de onomatopeia



Fonte: CLAREMONT, 2014, p. 32

A partir das tirinhas retiradas da HQ, podemos notar que há variações dos balões, os quais mudam para se adequar às intenções comunicativas, bem como as onomatopeias, sons que surgem de acordo com a situação que ocorrem com os personagens.

**Figura 07** – Trecho V: Análise balões



Fonte: CLAREMONT, 2014, p. 28

A análise desses elementos possibilita a compreensão de itens bastante característicos desse gênero em quadros, auxiliando no processo tanto de análise linguística quanto semiótica apontadas pela BNCC (2018). Além disso, esse aspecto híbrido “[...] presente nas HQs é um cativante aliado para a escolha de seu uso. Partindo desse gênero os professores podem tornar a aula mais dinâmica, se distanciando um pouco de métodos mais tradicionais e beneficiando sua didática” (ARAÚJO, 2019, p. 16).

### 3.3 Etapa da produção crítica

Em meio ao mundo das novas tecnologias e altamente globalizado, em que todas as redes sociais são instrumentos importantes para a sociedade, se faz necessário que o aluno acione um olhar receptivo crítico, observamos através de postagens de fotos e memes da internet a importância de saber ser crítico, pois a todo momento somos vigiados por milhões de internautas, daí descobrimos a necessidade de fazer com que o aluno recepcione os textos, mas também se posicione frente a eles. Assim, podemos pensar numa educação linguística empoçada no seguinte:

É necessário exercitar a vivência do respeito ao outro, entendendo que a diversidade não pode ser vista como uma barreira para a realização do ato educativo, mas deve ser fator de enriquecimento humano e pessoal. Nesse processo, são ferramentas cruciais a informação e o acesso ao conhecimento (MARTINS, 2016, p. 27).

Para tanto, se faz necessário desenvolver o pensamento crítico dos alunos, trazendo metodologias que possam fazer com que ele desenvolva em si o hábito da leitura para melhor escrever, sabendo o que está dizendo, por quem está sendo dito e compreender a influência de tais questões em sociedade. Nisso, é extremamente importante o uso de textos com finalidade social, para que se crie e construa essa cultura da recepção crítica e de posicionamento cidadão, pensando nisso, propomos uma ação de produção:

#### *5º momento – O gênero cartaz de campanha*

Neste momento, o professor introduz para turma uma apresentação sobre os gêneros textuais. Para tanto, “[...] destaca-se o cartaz, como expressivo instrumento de comunicação, interação e organização dos textos nas esferas sociais (LIMA; BORGES, 2015, p. 272). Nessa direção, o gênero cartaz<sup>6</sup> é produto de ações sociais, mais

---

<sup>6</sup> Optamos pelo gênero cartaz por sua dinâmica fortemente social, mas, caso o professor tenha meios e condições, é possível focar na produção de um quadrinho em que os alunos se desenhem como super-heróis

especificamente, ações de manifesto público, e para exercer essa função “[...] traz uma linguagem específica que tem como objetivo não só a exposição imagética, distinguindo-se das demais imagens presentes em outros gêneros textuais, mas visa também chamar a atenção de quem passa no local para o conteúdo a ser explanado” (LIMA; BORGES, 2015, p. 272).

Exposto isso, a seguir, selecionamos alguns cartazes que podem auxiliar o professor e motivá-lo na busca por outros exemplos, os quais poderão encaminhar o aluno a pensar no que desejará produzir e que mensagem gostará de passar. Vejamos:

**Figura 08** – Cartaz de campanha contra a *LGBTfobia*



Fonte: <<https://pontocritico.org/27/05/2016/>>. Acesso em: 21/05/2021.

Acima temos um cartaz lançado pelo Governo do Estado de Pernambuco, campanha contra a *LGBTfobia*, também com o objetivo de fortalecer as políticas públicas do segmento LGBT+. Podemos perceber no cartaz o uso das cores da bandeira LGBT+ com diferentes pessoas, de diferentes idades e sexo, para simbolizar que há ampla diversidade de pessoas LGBT+, indicando também que podemos estar cercados por essas pessoas, as quais passam, por vezes, por ações de exclusão social, escolar e familiar.

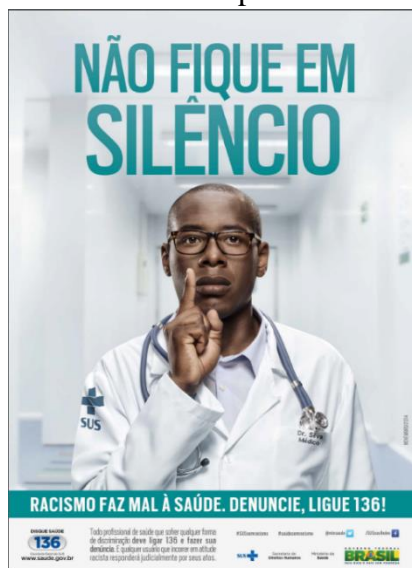
Adiante, temos um cartaz promovido pelo Ministério da Saúde para combater o racismo no SUS (Sistema Único de Saúde). O racismo, infelizmente, ainda é um dos

---

e adicionem recursos semióticos e linguísticos típicos. Nossa proposta não foi por esse caminho por já termos tido experiência com momentos como este e os alunos se negarem a produzir dizendo que não sabem desenhar, por exemplo. Assim, buscamos uma alternativa paralela e que se mostra também relevante.

problemas sociais mais recorrentes da atualidade em todas as áreas possíveis. Vejamos o cartaz abaixo:

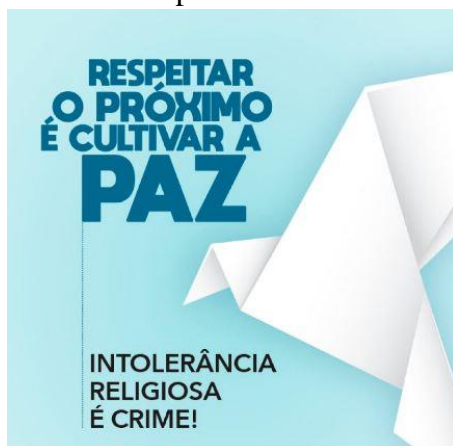
**Figura 09** – Cartaz de campanha contra o racismo



Fonte: <<http://www.blog.saude.gov.br/34777-campa>>. Acesso em: 21/05/2021.

Podemos trazer como discussão, a partir desse cartaz, o fato de um homem negro estar como médico, sabemos das dificuldades de se entrar numa faculdade de Medicina, o nível de exigência nessas instituições é altíssimo e, em decorrência do racismo, há dificuldades de amplo acesso da população negra a um curso como esse. Infelizmente, pode-se dizer que não se trata apenas de uma questão social, mas de raça, um médico negro numa profissão ainda “elitista”, oportuniza refletir sobre a necessidade de abonar práticas de exclusão humana por quaisquer motivos que sejam relativos a identidade étnica, de origem, etc. Por fim, nosso último exemplo é de cunho religioso:

**Figura 10** – Cartaz de campanha contra a intolerância religiosa



Fonte:< <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/governo-de-sp-lanca-campanha-contra-intolerancia-religiosa/>>. Acesso em: 22/05/2021.



Como visto, temos o cartaz de uma campanha do Governo do Estado de São Paulo contra a intolerância religiosa. Assim, o intuito dessa campanha é um cessar da intolerância, pedindo a paz para que todos possam entregar suas orações para quem ou o que acreditarem. É possível lançar um olhar interpretativo sob o origami que representa uma ave branca, tendo o branco associação direta com a ideia de paz. Inclusive, temos as comemorações do “janeiro branco” (incentivo ao cuidado com a saúde mental) e comemoração do Dia Mundial da Paz ao dia primeiro de janeiro, anualmente. A partir disso, pode-se refletir como, comumente, deparamo-nos com noticiários que relatam o aumento de ataques a religiões que não são cristãs, especialmente, as de origem afro-brasileira.

#### *6º momento – Produção do cartaz.*

Neste momento, os alunos serão divididos em grupos de 3 ou 4, o professor irá explicar os passos a serem seguidos, enfatizando práticas de discriminação social (intolerância religiosa, deficiência física, *LGBTfobia*, racismo, etc). Pede-se para que os alunos pesquisem por histórias verídicas para relacionarem às narrativas dos mutantes e trazerem para discussão em sala junto de imagens impressas de diferentes personagens dos *X-Men*. Em primeiro momento, o trabalho deverá ser feito em cartolina, confeccionado na sala, pelo grupo. Durante a discussão, sobre cada tema escolhido pela equipe, pedir para que os grupos façam apontamentos relevantes entre as histórias e fatos para apresentarem para sala de aula, lançando perguntas e às respondendo posteriormente. Os cartazes devem apresentar imagens de mutantes, tanto os que têm a aparência modificada, quando os que ainda preservam aparência humana comum<sup>7</sup>.

### 3.4 Etapa da divulgação

Os alunos poderão expor suas produções para a comunidade escolar e em geral. Afinal, o gênero cartaz de campanha tem uma forte função social, com a finalidade de combater discriminações de diferentes ordens. E essa divulgação para comunidade é importante porque consideramos o seguinte:

Compreendendo a escola como um lugar de reflexão crítica e de desenvolvimento da cidadania, a partir da problematização das exclusões e dos silenciamentos sociais, a discussão crítica de temas transversais coloca em

---

<sup>7</sup> A produção deve ser uma prática orientada efetivamente pelo professor, pois esse momento foi pensado haja vista ser típico da cultura escolar colocar em questão que a aula é produtiva quando ela materializa algo. Então, como nosso foco é na prática leitora, a escrita é uma ação paralela, mas que deve ser acompanhada pelo professor, especialmente por não propor ação de reescrita.

evidência novas possibilidades, inclusive o potencial de repensarmos nossa própria constituição (SOUZA SILVA; DIAS; BEZERRA, 2021, p. 100).

Exposto isso, é extremamente necessário que a escola possibilite o espaço comum para tais discussões, uma vez que estamos formando não apenas futuros agentes do trabalho, mas também seres humanos. Pois, infelizmente, ainda temos conhecimento de escolas tradicionais que não permitem certas discussões em sala de aula por pensarem que essas discussões podem influenciar as ideias e escolhas dos alunos. Ainda assim, se faz necessário a discussão de temas que ultrapassem o conteúdo curricular para que o aluno se torne um cidadão letrado em múltiplos sentidos. Para a ação de divulgação sugerimos o seguinte:

#### *7º momento – Exposição no ambiente escolar*

Pode-se pensar em uma exposição dos cartazes para visitação de todas turmas e equipe pedagógica. Também, pode ser montado, no pátio da escola ou algum espaço comum, durante o intervalo uma exposi o com os cartazes produzidos pelos alunos. Como foi tratado de temas sociais tão relevantes   interessante que a exposi o seja aberta a toda a escola para que possam ver e opinar sobre todas as manifesta es dos alunos.

#### *8º momento – Exposi o pública por meio de redes digitais*

Pode-se trabalhar com redes sociais, divulgando o material em fotos, a partir dos cartazes que foram elaborados em sala. Criando um perfil no Instagram para que toda a turma poste seu trabalho.   interessante que seja criado em uma rede social, sugerimos o Instagram, pois além de ser bastante popular,   muito utilizada pelos alunos, sendo interessante uma conta criada unicamente para a turma que desenvolveu o trabalho, com o intuito de promover outras publica es de a es pela linguagem que a turma venha a desenvolver.

### **CONSIDERA ES FINAIS**

Depois de muito discutir, compreendemos que não existe uma fórmula mágica que possibilite determinar a melhor abordagem aos temas que sugerimos, mas acreditamos, positivamente, na nossa proposta de interven o, pensada também pelo discurso comum de falta de interesse pela leitura, por parte dos alunos.

Fomos ensinados a leitura prática das vogais do alfabeto e com o passar do tempo a pequenos textos, f bulas, cr nicas dentre outros gêneros. Mas ainda assim de uma forma

bastante tradicional, sem que desperte fortes feitos nos alunos, pois, como já foi dito aqui, trata-se de uma questão fortemente marcada na cultura escolar, mas cabe ao professor reconfigurar tais práticas engessadas, buscando por alternativas q atrativas para os alunos.

O uso de HQ, como já mostrado aqui, é um recurso extremamente valioso nessa batalha metodológica, o uso das imagens, balões, textos mais curtos e desenhos, somados a temáticas sociais, como é o caso dos *X-men*, mostra-se produtivo para serem levados para a sala de aulas. Claro que não é uma tarefa fácil, mas o importante é compreendermos a importância de sempre nos renovarmos para o bem dos nossos alunos, para agregarmos conhecimento de forma genuína e dinâmica ampliando a competência leitora dos alunos e seus letramentos.

Ademais, é possível também repensar e ampliar o que se propôs aqui. Afinal, a franquia *X-Men* tem filmes e animações disponíveis que podem auxiliar em outras perspectivas de ensino, com base nos multiletramentos, por exemplo, considerando questões culturais, mas também semióticas (ROJO, 2012). Por fim, esperamos que esta proposta seja aplicada por professores interessados na alteridade e empatia e que suas experiências sejam compartilhadas e cheguem até nós, para que possamos exaltar os ganhos e realinhas a rota daquilo que não funcionou.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARAÚJO, R. B. de. **A contribuição metodológica das HQs no processo de ensino-aprendizagem**. 2019. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução a pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: temas transversais: ética. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CLAREMONT, C.; ANDERSON, B. E. **X-Men**: Deus ama, o homem mata. n. 5. Panini Book, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 16. ed. Campinas: Pontes, 2016.

- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: Os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, P. **Tiras no Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial. 2017.
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. IN: ROJO, R; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.
- LIMA, F. R; BORGES, V. R. S. O ensino de língua materna e as possibilidades de letramento social a partir do gênero textual cartaz. In: **Anais do COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos**. Teresina. 2015, p. 264-280.
- MANGUEIRA, J. V. A metáfora dos X-Men: configuração da homossexualidade no romance *No Presente*, de Márcio El-Jaick. In: LINS, J. N. **Estudos na área de linguagem: ensino, pesquisa e formação docente**. Recife, EDUFPE, 2016, p. 109-126.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, I. F. de M. Linguagem, inclusão e ensino. In: LINS, J. N. **Estudos na área de linguagem: ensino, pesquisa e formação docente**. Recife, EDUFPE, 2016, p. 17-27.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: BRSILIENSE, 1989 (Coleção Primeiros Passos).
- SOUZA SILVA, A. L; ARAÚJO, R. B. Inclusão à diversidade social em contexto de sala de aula: uma proposta de leitura de os X-MEN. **Temática**, v. 16, p. 167-178, 2020.
- SOUZA SILVA, A. L; COPPI, D. S. M. Respeito à diversidade sexual: práticas em aulas de língua portuguesa. **Letra Magna**, v. 16, p. 193-213, 2020.
- SOUZA SILVA, A. L; DIAS, T. S. R; BEZERRA, F. A. S. Linguagem, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos: uma proposta de multiletramentos críticos. **Revista do GELNE**, v. 23, p. 99-117, 2021.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me proporcionado uma caminhada cheia de obstáculos e a todo momento por ter estado comigo em cada passo. Só eu sei de quanta lágrima, suor e desespero foi feito esse caminho, mas ele não me deixou desistir nem quando mesmo desisti. Sem Ele eu não teria chegado tão longe.

Agradeço também a Ele pelas pessoas que colocou em minha vida durante essa estrada de tijolos torturantes, pessoas que fizeram toda a diferença, mesmo que com sua simples presença. Destaco aqui minha família, apesar de não terem acreditado que eu chegaria tão longe me apoiaram assim mesmo, e meus amigos Hidalgo, Tatiane, Andreza, Diego, Manuela, Fabiano Willcker, Jhonantan, e a minha gratidão de forma especial aos colegas de curso: Jaqueline, Priscila, Josiele e Railson por todo companheirismo e força durante os períodos, em todos os momentos de dúvidas, de lágrimas e risadas, foram o maior presente que recebi, durante os tempos na universidade, e os levarei para sempre comigo.

Um agradecimento a Universidade Estadual da Paraíba, pela formação ofertada e acesso a uma formação produtiva. Assim, agradeço, especialmente, aos professores que me servem de exemplo como profissional e ser humano e que são espelho do profissional que tento e quero ser, destaco os nomes dos professores João Paulo Fernandes, Paulo Aldemir Lopes e Rosangela Neres por me fazerem sentir prazer em assistir suas aulas, ainda que muitas vezes não tivesse tão disposto a estar em aula.

Agradeço às professoras Danielle Coppi e Iara Martins por aceitarem o convite de compor a banca de avaliação do trabalho final. Danielle, você uma professora que cativa e espero ser um profissional tão bom quanto você; e a professora Iara que, desde o primeiro dia de aula nos disse como seria, verdadeiramente, difícil o percurso acadêmico, mas de forma muito positiva. Agradeço às duas pela colaboração e por serem ótimas professoras.

Estendo aqui nesse paragrafo meus agradecimentos a alguém que vai além do que esperava, alguém que a todo momento acreditou em mim, no meu trabalho e, mais ainda, alguém que não me soltou a mão nesses dias tão escuros, só eu sei o quanto foi pesado o fardo de escrever este trabalho num momento tão atípico, e mesmo assim ele não me deixou só. Já o admirava como colega, amigo e profissional, agora não tem adjetivo para descrevê-lo, meu coração está cheio de gratidão e amor por esse ser humano ímpar, obrigado André, por ter embarcado nessa jornada comigo, palavras não são suficientes para descrever o que eu sinto. OBRIGADO POR TUDO!